

A Basílica Ermida de Nossa Senhora da Piedade: memórias de um processo de reconfiguração arquitetônica

Aziz José de Oliveira Pedrosa

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4274-1096>
E-mail: azizpedrosa@yahoo.com.br

Resumo: O ano de 1767 assinalou profícuo movimento de produção arquitetônica no cume da Serra da Piedade, em Caeté. Nesse período, Antônio da Silva Bracarena e Manoel Coelho Santiago empreenderam a elevação da ermida de Nossa Senhora da Piedade, reconhecida como basílica em 2017. A documentação remanescente explicita que copiosos eventos assinalaram os 251 anos de história do referido templo, sobressaindo-se as intervenções experimentadas ao longo dos séculos XIX e XX, responsáveis pela configuração que, atualmente, delimita a edificação. Nesse sentido, o texto que se apresenta tem como orientação examinar o percurso histórico que balizou a concepção e a transformação da referida ermida, demonstrar os principais agentes envolvidos nesse processo, bem como elencar as modificações centrais que particularizaram o arranjo de sua arquitetura.

Palavras-chave: Basílica de Nossa Senhora da Piedade; Arquitetura; Reconfiguração arquitetônica; Minas Gerais.

The Basilica of Nossa Senhora da Piedade: memories about its process of architectural reconfiguration

408

Abstract: At the Serra da Piedade mountain-top (Caeté city) in the year of 1767, there was an important process of architectural building when Antônio da Silva Bracarena and Manuel Coelho Santiago started the construction of Nossa Senhora da Piedade chapel that was recognized as Basilica in the year of 2017. It's known that historical documents have showed a lot of events that occurred in the 250 years of history of the temple, particularly some interventions made over the 20th and 19th century that delimited the current architecture of the building. Therefore, this text aims to explain the historical journey that guided the conception and transformation of the aforementioned chapel list the main agents involved in this process as well as specifying the main modification that characterized its architectural appearance.

Keywords: Basilica of Nossa Senhora da Piedade; Architecture; Architectural reconfiguration; Minas Gerais.

Texto recebido em: 05/10/2018

Texto aprovado em: 06/05/2019

Notas introdutórias

No topo da Serra da Piedade, localizada no município mineiro de Caeté, encontra-se o santuário dedicado a Nossa Senhora da Piedade, onde despontou, em

setembro do ano de 1767 (TRINDADE, 1945, p. 305), profícuo movimento de produção arquitetônica, condizente à propagação de conceitos assimilados da arquitetura europeia, que inspiraram a edificação de centros destinados à peregrinação religiosa nos pontos mais elevados das colinas. Referente ao tema, Rudolf Wittkower (2010, p. 390) demonstrou ter sido inerente à arquitetura sacra barroca, na Europa, erguer santuários como elementos simbólicos dominantes da paisagem onde se encontravam, que “sugeriam a imensidade da natureza controlada pelos homens a serviço de Deus.” O autor também relativizou que foi essa uma atividade laboriosa, exigindo do arquiteto a promoção e a interação de seus projetos, com a formação natural dos sítios onde seriam implementados esses espaços arrebanhadores de fieis. (WITTKOWER, 2010, p. 390. Tradução nossa) É singular observar que panorama equivalente se descortinou no universo colonial luso-brasileiro, onde ambientes destinados a abrigar santuários emergiram na Capitania mineira. Imersa nessas perspectivas, foi alinhavada a produção do espaço da Serra de Caeté, a partir da construção da então capela, hoje Basílica Ermida da Padroeira de Minas Gerais,¹ que cravou no local um importante ponto de convergência, dedicado a receber os devotos de Nossa Senhora da Piedade.

Os relatos históricos indicam que a produção arquitetônica na Serra da Piedade teve como eixo condutor inicial a construção da ermida, instituída depois de proferida autorização, conferida pelo Bispado de Mariana, no dia 30 de setembro do ano de 1767. A iniciativa de elevação do santuário foi demanda interposta por Antônio da Silva Bracarena e o Dr. Manoel Coelho Santiago (QUEIROGA, 1946, v. 2, p. 196-197), que se ocuparam de gerir os momentos fulcrais desse processo.

Fazemos saber e. attendendo nós ao (que por) sua petição nos enviarão a dizer os Supes. Mel. Coelho S. Tiago e A (ntônio) da Silva Bracauna. Moradores na freg.a do Caethé no morro das, digo, mor (ro da mês) ma Vila, havemos por bem conceder-lhes licença pella pres.te nossa (provisão) p.a.q possão erigir hua Capella com invocação de N. Snra. Da Piedade. (e) (St. Bar) bara no morro e paragem mãos cômoda. (QUEIROGA, 1946, v. 2, p. 196)

Sobre Manoel Coelho Santiago, é sabido, apenas, que vivia na Vila Nova Rainha (atual Caeté). Não foram pontuados registros capazes de certificar se residiu no eremitério da Serra da Piedade. No entanto, é plausível conjecturar que foi ele um protagonista necessário para assegurar, ao dito Bracarena, o direito de empreender o pedido de autorização para consumir o trabalho almejado,

compreendendo-se que o nome de Coelho Santiago, vinculado à petição, foi fração elementar de questões burocráticas que permeavam a elaboração de documentos dessa natureza, no âmbito da construção arquitetônica colonial luso-brasileira.

Por sua vez, são conhecidos alguns esclarecimentos acerca do português Antônio da Silva Bracarena (17?-1784) (*O PIONEIRO...*, 1967, p. 25), natural da Freguesia de São Pedro de Bracarena (Barcarena), que operava como mestre canteiro (MOTA, 1960, v. 7, p. 363-373). De sua trajetória profissional, na então Capitania de Minas, sabe-se que laborou no processo de edificação da igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Caeté) (*O PIONEIRO...*, 1967, p. 364), em sociedade com o Capitão Antônio da Silva Herdeiro (*O PIONEIRO...*, 1967, p. 364), responsável pela gestão dos trabalhos angariados em 1756 (*O PIONEIRO...*, 1967, p. 364). Os serviços realizados incluíram a fatura de todo o templo: “declaro que eu rematei a factura da Igreja Matriz da Villa do Caethé a saber a Capella Mor por vinte e três mil cruzados e o Corpo por quarenta mil cruzados” (MOTA, 1960, v. 7, p. 364). Não se sabe, exatamente, o momento final que executou a finalização da obra do soberbo templo caeteense, mas é conclusivo que em 1767 Antônio da Silva Bracarena não mais se ocupava desses afazeres, posto que se retirou no topo da Serra a essa época, onde se dedicou a elevar seu sonho mais ambicioso, movido por circunstâncias pouco esclarecidas, mas certamente correlacionadas à devoção a Nossa Senhora da Piedade.

Conforme as pesquisas de Ivo Porto de Menezes (2017), que se incumbiu por trazer de Portugal para Minas Gerais cópias dos documentos que formalizaram os impulsos iniciais de elevação da ermida da Serra da Piedade, as obras de elevação da capela prosseguiram até o ano de 1773, quando Antônio da Silva Bracarena solicitou à Coroa autorização para esmolar em prol da conclusão dos trabalhos iniciados, realçando nesse pedido a imprescindibilidade de se obter os paramentos basilares para realização do culto no templo (TAMBASCO, 2009, p. 10). Uma nota arrolada no testamento do Bracarena, datado de 1784, acusa que os serviços destinados à construção da capela primeira ainda não haviam sido finalizados, pois, para o prosseguimento dessas tarefas, ele destinou quantias: “declaro que tudo o mais que sobejar da minha terça o deixo de esmola para as obras desta Capella de Nossa Senhora da Piedade.” (MOTA, 1960, v. 7, p. 365) O término desse primeiro ciclo construtivo foi cumprido sequencialmente e coube aos ermitães que ali residiram, indicando-se os nomes de Antônio José da Piedade e Manoel Alfonso Gonçalves (*O PIONEIRO...*, 1967, p. 364). Efetivamente, a conclusão da edificação

ocorreu em 1797, quando o Padre José Gonçalves Pereira assumiu a gestão das atividades locais (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 11).

Lamenta-se que os documentos conhecidos não sejam aptos a esclarecer a identidade do autor da traça que subsidiou a elevação do templo da Serra da Piedade. Todavia, é plausível considerar ter sido esse um projeto elaborado por Antônio da Silva Bracarena. Essa ideia é ancorada no conhecimento de que a experiência por ele adquirida nos canteiros de obra da construção da Matriz de Caeté, bem como em prováveis outros trabalhos processados em Portugal, e ainda ocultos, o tenham capacitado a arquitetar desenhos para edificações sacras, principalmente porque a documentação coetânea reforça sua distinção no cenário da produção arquitetônica luso-brasileira, como elucida a citação: “exercitou neles o ofício de cantaria no qual ganhou cabedal grande e com ele se fez abastado de bens” (MENEZES, 2017, p. 5). Acrescenta-se ao quadro desses indícios o fato de ser Bracarena o idealizador do espaço e aquele que se dedicou, integralmente, à sua concretização, lá vivendo até os últimos dias de sua vida.

Compreende-se que, juntamente com o planejamento da capela de Nossa Senhora da Piedade, foi agregado o projeto da moradia contíguo ao templo, destinado a acolher os ermitões que viveram em companhia de Antônio da Silva Bracarena. Embora incógnito o processo que coordenou a construção do eremitério, é fatídico que ele surgiu a datar do mesmo impulso que orientou a elevação da referida ermida, pois era local essencial para aqueles que se dedicariam à vida religiosa no sítio. Segundo estudos de Ivo Porto de Menezes, a capela-mor e a casa para os eremitas estavam concluídas em 1773. (MENEZES, 2017, p. 5) O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire esteve na Serra da Piedade, em 1818, quando registrou a presença de residência para os eremitas, construída cerca de quarenta anos antes do momento que marcou sua visita.

No alto da serra da Piedade foi construída uma capela muito grande, contra a qual apoiaram, à direita e à esquerda, edifícios onde residem os eremitas da montanha e peregrinos que a devoção leva a esse lugar. Todas essas construções são de pedra e datam de 40 anos atrás [escrito em 1818] (SAINT-HILAIRE, 1941, p. 114-115).

A inexistência da planta e dos demais elementos gráficos que direcionaram a construção inicial da capela de Nossa Senhora da Piedade, erigida por Bracarena nos anos finais do século XVIII, dificulta o entendimento de como podem ter sido o

primeiro arranjo arquitetônico do templo e do convento incorporados no topo do santuário. No entanto, mesmo ausentes esses testemunhos, é de ciência que o atual prédio da basílica não conserva a integridade do projeto original que embasou sua elevação. Essa constatação é legitimada por intermédio do exame de documentos e de fotografias antigas, que elucidam ser a edificação existente o quociente de intervenções processadas ao longo do tempo, certamente em função de melhorias e adequações necessárias para a reparação de problemas técnicos, bem como para o atendimento de demandas preexistentes, sobretudo aquelas relacionadas à realização do culto religioso.

Diante desse quadro, procurar-se-á, nas linhas subseqüentes, demarcar prováveis encaminhamentos acerca de qual poderia ter sido a configuração inicial da antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade, enumerando, quando viável, as alterações sofridas no decorrer dos séculos XIX e XX. Essa tarefa é exequível graças à permanência de documentos e de fotografias remanescentes, que auxiliam elencar interpretações e simular admissíveis reconstruções, embora não seja possível ordenar, irrefutavelmente, todos os aspectos arquitetônicos e plásticos que delimitaram o templo desde o lançamento de sua pedra fundamental, posto que para isso é necessária a integral localização de registros primários e de desenhos pormenorizados referentes a todas as etapas da construção da capela. Esse encargo é inatingível, perante a ausência de detalhamentos sobre o caso.

Nesse sentido, distingue-se que a primitiva capela de Nossa Senhora da Piedade foi construída em cantaria, embora hoje seja composta por outros materiais, como o concreto, introduzido em intervenções de conservação e restauro empreendidas na segunda metade do século XX, quando o material foi aplicado no preenchimento das paredes externas, na laje pré-fabricada inserida na edificação, na substituição da fachada posterior e também na construção do coro alto. (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 14)

A planta baixa preambular definidora da ermida de Nossa Senhora da Piedade não foi localizada, sequer restam esperanças de que um dia ela seja identificada. No entanto, podem-se interpor apontamentos sobre seu provável arranjo, a partir do desenho esquemático publicado por José Carlos Vargens Tambasco (2009, p. 16), que ilustrou como foi a ordenação espacial da edificação antes de experimentar remodelações nos anos 1990, encarregadas por determinar parte do atual desenho de seu ambiente interno.² Nesse cenário, para uma precisa interpretação sobre a primitiva configuração do templo, é também válido recorrer à

ideia defendida pelo autor supramencionado, de que o imóvel projetado pode ter sido referenciado na arquitetura da capela de São Gonçalo do Amarante, erguida em Caeté por volta de 1723 e incendiada no século XX, em data incerta (TAMBASCO, 2009, p. 17). Dessa edificação restaram ruínas de seu alicerce e poucas memórias fotográficas, que possibilitem conhecer um pouco de sua arquitetura (Figura 1). Deve-se ressaltar que não há informações se a dita edificação foi também alterada em instantes posteriores à sua elevação, ou se seu partido arquitetônico, exibido na fotografia que embasa essa discussão, é obra do século XVIII. As indefinições dessa proposição são originadas do conhecimento de que diversos templos mineiros foram continuamente alterados no decurso de sua existência.



Fonte: Autor desconhecido.

FIGURA 1

Capela de São Gonçalo do Amarante, Caeté (sem data)

Por esse conhecimento, e tendo em vista ser a capela de São Gonçalo do Amarante (Figura 1) solução arquitetônica originada no século XVIII, ainda que pontuada por presumíveis variações processadas posteriormente, pode-se inspecionar algumas reflexões interpostas por José Carlos Vargens Tambasco, que relativizou ser essa edificação correlata à antiga ermida da Serra da Piedade (TAMBASCO, 2009, p. 16; ARQUIDIOCESE..., 2007). Essas analogias são exequíveis por intermédio de exames comparativos entre esse templo e as memórias documentais e fotográficas que retrataram a capela do santuário da Piedade,

produzidas no momento em que ela ainda não se encontrava completamente alterada, como hoje se apresenta. Os resultados advindos desse confronto consentem enumerar constatações sobre algumas relações de equivalência entre os edifícios, considerando-se a provável formatação inicial da obra erguida por Bracarena, a contar do ano de 1767.

Assim, atenta-se para a presença de janelas laterais com vergas alteadas e molduras em pedra na fachada de São Gonçalo, à moda de outras construções religiosas erguidas em Minas no século XVIII, que ladeiam a porta, bordeada por pedra e arrematada por pingadeira na porção superior. Acima dessa porta, o óculo ovalado, emoldurado por borda ao molde do acabamento dos demais vãos. Lateralmente a fachada recebeu pilares, complementados por pináculos de formatos geométricos. Encerra a edificação o frontão triangular.

As fotografias que retratam a ermida do Santuário da Piedade, entre os anos de 1920 e 1940 (Figuras 2 e 3), esclarecem que sua fachada era composta por vãos laterais, ladeados por molduras arqueadas em pedra, que se apresentavam como nichos, mas que, em hipótese, podem ter sido janelas vedadas por alvenaria em algum período não identificado, como item de proteção para as ações da natureza ou até mesmo para evitar o ingresso de animais existentes na região. É complexo precisar a que se destinavam esses elementos, principalmente porque as antigas capelas mineiras, costumeiramente, receberam janelas de vergas alinhadas rente ao limite superior das portas ou posicionadas acima delas. O uso de aberturas laterais e abaixo das vergas seria exemplo de arranjo pouco comum, mesmo sabendo que na capela de São Gonçalo (Caeté) houve organização similar, ainda que não seja viável indicar se nesse último caso tais vãos tenham sido oriundos do projeto inicial ou se foram adaptados em outro período, quando os nichos podem ter sido convertidos em janelas.

Nesse âmbito, faz-se necessário indicar que na arquitetura religiosa setecentista portuguesa há templos que receberam vãos frontais, equivalentes aos pontuados nas edificações citadas, como exemplifica a igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz, em Beja. Assim, torna-se improbo divisar a real função exercida por tais elementos na ermida da Serra da Piedade, pois a existência de peças afins em Portugal, de onde foi inspirado o repertório arquitetônico para os templos de Minas, esclarece que esses itens não foram infrequentes e, conseqüentemente, podem ter servido de referência para o trabalho dos artífices em atividade nas terras da Capitania de Minas, a partir do conhecimento adquirido no então Reino.

Por outro lado, é conveniente recordar que os nichos, quando utilizados na arquitetura sacra em Minas, eram tradicionalmente posicionados sobre a porta de entrada, como exemplifica a capela de Nossa Senhora do Rosário (Itabirito) e a igreja Matriz de São João Batista (Barão de Cocais). Isso não exclui a possibilidade de o projeto do templo em estudo contemplar uma ordenação pouco convencional para a composição dos elementos frontais, em referência aos seus pares. Logo, as argumentações proferidas apenas indicam as dificuldades de se chegar a um consenso a respeito da função desses vãos no templo da Serra da Piedade (se foram nichos ou janelas), tendo em conta também a plausibilidade de ser o aspecto visual documentado nas imagens, obras desempenhadas em algum momento distante daquele que cravou a construção da edificação.

As imagens que testemunham o avançar das alterações aplicadas à ermida da Serra da Piedade asseguram que ela passou por intervenções múltiplas, responsáveis por desfigurar a feição original do então templo setecentista. Nota-se, entre essas variações, que a largura primitiva da fachada pode ter sido definida por pilares laterais, posteriormente afastados em função da ampliação da frontaria, iniciada em 1881. (ARQUIDIOCESE..., 2007) Essa declaração é atestada na Figura 3, em que os ditos nichos (ou vãos) e a porta central arqueada formam um conjunto desproporcionalmente instalado em relação às novas dimensões da vista frontal, alterada de 6m para 8,5m, devido à instalação das torres sineiras, conforme registrou Tambasco (TAMBASCO, 2009, p. 17). A disposição impressa propiciou aflorar imperfeições no tratamento da harmonia e da integração entre esses elementos, destoantes no conjunto final que foi ampliado sem que tivessem sido reposicionados os vãos centrais em consonância à nova solução arquitetônica desenhada. Tal fator é apurável por meio das fotografias que sustentam essa discussão e elucidam se tratarem de configurações resultantes de transformações empreendidas posteriormente, que desconsideraram o possível tratamento da composição plástica e estética da vista frontal (Figuras 2 e 3).



Fonte: Autor desconhecido.

FIGURA 2

Santuário Serra da Piedade, c. 1920-1940



Fonte: Autor desconhecido.

FIGURA 3

Ermida de Nossa Senhora da Piedade, c. 1920-1940

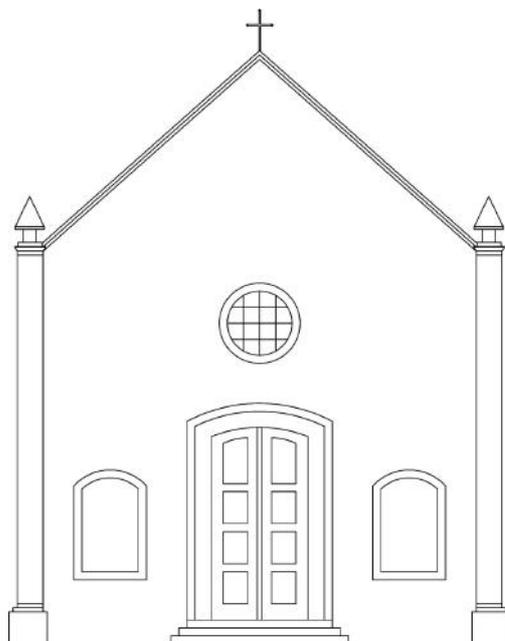
Considerar a perspectiva de que pilares demarcaram as regiões laterais da ermida, equivale também cogitar reflexões de que eles poderiam ter sido finalizados por pináculos, pois esses elementos complementavam-se uns aos outros. Essa interposição tem como pressuposto o conceito de que tais aspectos estiveram presentes na sobredita capela caeteense de São Gonçalo, do mesmo modo que são verificáveis em outros templos erigidos no então território da Capitania de Minas, traduzindo por essa ótica a recorrência de arquétipos correntes na arquitetura sacra colonial. Ocasionalmente, como uma segunda alternativa para interpretação do evento em exame, poder-se-ia estimar que no lugar dos pináculos existisse sineira, à semelhança daquelas que se encontram na igreja de Nossa Senhora do Rosário (Caeté). A sugerida presença dessa abertura é subsidiada em informações divulgadas por Tambasco, de que Antônio da Silva Bracarena adquiriu sino para o templo, em 1767 (TAMBASCO, 2009, p. 17). Assim, não havendo torres no corpo do edifício para sustentar o sino, seria hipótese pensar que ele foi alocado em sineira, não mais existente.

Por ora, atenta-se para o desenho do antigo frontão da ermida, certamente concebido em formato triangular, conforme demonstram as fotografias antigas (Figuras 2 e 3).³ Repara-se que seus vértices laterais apresentam-se incompletos e, uma vez prolongados no sentido de completá-los, é possível obter a real dimensão da fachada da capela, que englobava o enquadramento de nichos (vãos), porta e óculo. É de conhecimento que o encurtamento lateral do frontão foi recurso corriqueiro na arquitetura sacra mineira, para encaixar os pináculos ou sineiras, como se supõe ter sido a configuração primitiva da capela da Serra da Piedade.

Todos esses argumentos asseveram a possibilidade de a ermida do santuário ter sido constituída de feição arquitetônica equivalente à capela de São Gonçalo, haja vista o registro fotográfico existente (Figura 1), ressaltando algumas diferenças que sugerem as preferências daqueles que as planejaram, como exemplificam o formato do óculo e outros poucos pormenores que as especificam. Por essas vias, o esboço representado na Figura 4 tende a ilustrar as prováveis composições do primeiro templo instalado no topo da Serra de Caeté.

As etapas consecutivas de construção da ermida transpassaram a data do falecimento de Antônio da Silva Bracarena, ficando a cargo dos ermitões que lá residiam continuar o processo de finalização da capela e do convento (QUEIROGA, 1946, v. 2, p. 365). Os exíguos indícios históricos sinalizam que os trabalhos de

edificação do templo podem ter sido concluídos pelo Padre José Gonçalves Pereira, incumbido de zelar pelo santuário por cerca de quarenta anos, provavelmente em fins do século XVIII e limiar do XIX (O PIONEIRO..., 1967, p. 36).



Fonte: Representação gráfica elaborada pelo autor.

FIGURA 4

Esboço sobre o provável aspecto primitivo da capela de Nossa Senhora da Piedade

Em virtude da subsequente ausência do Padre José Gonçalves Pereira, o capuchinho italiano Frei Luiz de Ravena assumiu a direção do santuário até o ano de 1871, data de seu falecimento (O PIONEIRO..., 1967, p. 33). É crível que a passagem do Frei Luiz de Ravena no topo da Serra da Piedade balizou a primeira grande intervenção na ermida, inicialmente elevada por Bracarena.⁴ Essa presunção é sustentada por carta enviada pelo religioso ao seu superior na Itália, datada de 1861, em que ele relata as obras empreendidas para recuperar a capela que se encontrava deteriorada:

Aqui achando a Capella e casa contigua muito deterioradas e decadentes, m'incumbi juntamente com o colega Fr. Francisco Coriolano (...) da modificação, reparação e ampliação d'ellas, ambos nós por isso. (...) Attendendo às dificuldades que a localidade oferece quanto a condução dos materiaes, taboado e mais madeiras, tijolos, agua, cal, telhas e mantimentos (O PIONEIRO..., 1967, p. 35).

Não são de simples entendimento as alterações promovidas pelo citado Frei, embora o texto da carta por ele redigida relate execução de serviços de reparo e ampliação da capela e do convento. Sem conclusões definitivas, é exequível considerar que as referidas obras não tenham impellido modificações significativas na fachada do templo, podendo ter se restringido à expansão da nave. Não obstante, indaga-se se os cômodos laterais ao corpo da ermida, (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 13-14) destinados a acomodar romeiros e transformados em capelas no século XX, foram construídos no mesmo impulso que coordenou essas intervenções, posto que não é conhecido o período exato em que os tais espaços foram anexados ao conjunto arquitetônico da capela.

Posteriormente ao falecimento de Frei Luiz de Ravena, outros sacerdotes prosseguiram o trabalho por ele continuado, sobressaindo-se o nome do Padre Antônio Simplício, último a ocupar a função de gestor do santuário, até a data em que foi transferido, quando foi instaurando no local um novo ciclo de vacância, exigindo a tomada de decisões para que as gestões espiritual e organizacional no sítio não sofressem grandes impactos, além daqueles vivenciados em épocas não muito distantes. Diante desse quadro, o Padre Domingos Evangelista Pinheiro, vigário da Paróquia de Caeté, examinou caminhos para angariar recursos destinados a assegurar o gerenciamento do santuário e a preservação dos bens ameaçados pelo estágio de abandono. Para esse fim, foi fundada, no dia 26 de setembro de 1875, a irmandade de Nossa Senhora da Piedade (SERRA..., 1942?). Dentre muitos aspectos decorrentes desse evento, destaca-se a curiosa instalação da associação em fins do século XIX, em que é conhecida a distinta expansão de grupos leigos congêneres ao longo do século XVIII na então Capitania de Minas Gerais, que exerceram prevacente protagonismo à frente da organização e da manutenção da vida religiosa da sociedade colonial mineira na região, conforme demonstram os diversos estudos emendados por Caio César Boschi (2007, v. 2, p. 60).

Memora Tambasco que a arrecadação da irmandade de Nossa Senhora da Piedade permitiu, em 1881, irromper um novo transcurso de obras e procedimentos de reformas na ermida, concluídos em 1883. Nesses serviços estava incluída a ampliação da fachada de 6m para 8,5m (TAMBASCO, 2009, p. 17) e a instalação das torres sineiras, cujo acesso foi assegurado por escadas externas (TAMBASCO,

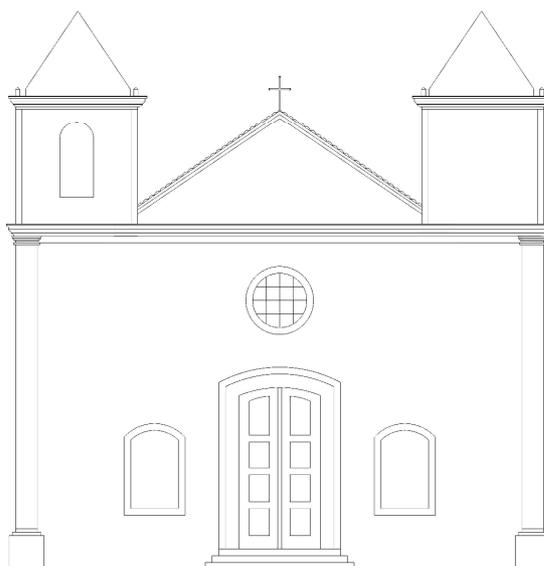
2009, p. 9). O conhecimento dessas operações permite compreender o exato momento em que foi processada a modificação que imprimiu à capela da Senhora da Piedade os arquétipos que ainda a delimitam, eliminando-se o caráter arquitetônico da primitiva edificação realizada por Bracarena. As fotografias datadas das décadas de 1920 e 1940 esclarecem o resultado dessas intervenções (Figuras 2 e 3).

É provável que, em meio a esses empreendidos, estivesse prescrita a conveniência de se adicionar à edificação as torres para acomodar o sino que, eventualmente, poderia estar em uma sineira, caso ela tenha existido no projeto inicial, como anteriormente examinado, ou em algum outro espaço do templo apto a recebê-lo. É proveitoso observar que a adaptação efetuada exigiu do anônimo projetista dessas torres especificar que seu acesso fosse realizado por escadas alocadas na área externa da capela. Essa solução transfigurou o ajustamento produzido depois de concluído o primeiro impulso de construção, cuja configuração espacial não outorgou o desenvolvimento de recursos capazes de assegurar o ingresso às torres por meio do ambiente interno da ermida.

As novas torres foram finalizadas por cúpula piramidal em alvenaria, com pináculos nos vértices da base (Figura 5). Uma delas contemplava o vão para o sino, na outra não havia aberturas. Não se têm registros textuais esclarecedores sobre quais fontes inspiraram o projetista que idealizou esses elementos para a dita edificação do santuário, sobretudo porque a capela caeteense de São Gonçalo do Amarante, que pode ter influenciado o projeto para a ermida da Serra da Piedade, não abrangia itens correlatos. Todavia, pressupõe-se que o formato dessas torres pode ter sido referenciado em construções religiosas setecentistas localizadas no entorno da região de Caeté, citando-se entre essas as igrejas Matrizes de Santo Amaro (Brumal), de Nossa Senhora de Nazaré (Morro Vermelho), de Santo Antônio (Santa Bárbara), além de outras cujas fachadas amparavam torres equivalentes às que integram o templo do santuário.

O cuidadoso exame da frontaria exibida nas fotografias produzidas até a década de 1950 permite verificar a permanência do semblante das adaptações proferidas em períodos distintos, potencializadas por intervenções não constantes no projeto que encabeçou a elevação de um templo demasiadamente modificado ao longo de sua existência. Assim, as alterações emanadas tornaram dissonantes as relações de proporção e, conseqüentemente, de harmonia que se esperava terem sido estabelecidas entre as novas torres e a fachada da ermida. A leitura desse

caráter não se oculta a uma atenta inspeção que distingue se tratarem de soluções não adequadamente sanadas para a integração do conjunto final, sobretudo quando relevado o aspecto estético externando destoante em uma edificação sacra de menores proporções, remodelada sem que tenham sido ajustadas todas as suas medidas, em prol de se assegurar a regularidade arquitetônica da frontaria do prédio.



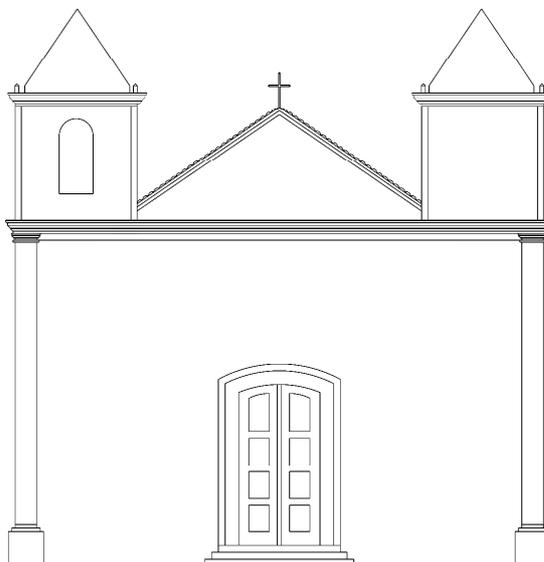
Fonte: Representação gráfica elaborada pelo autor.

FIGURA 5

Esboço sobre o aspecto da capela de Nossa Senhora da Piedade após a ampliação da frontaria, a inclusão das torres entre os anos de 1881-1883 e a instalação da cornija, por volta de 1884

É crível que algumas imperfeições descritas anteriormente começaram a ser amenizadas ainda por volta de 1884 (TAMBASCO, 2009, p. 17), quando foi instalada a cornija ornamental que separou o frontão e as torres do registro inferior da ermida. Não há detalhamento sobre reformas processadas na capela entre os anos de 1884 até cerca de 1950, quando as fotografias antigas ainda atestavam a presença da porta arqueada, do óculo central e dos nichos da fachada (ou vãos). Provavelmente, nesse intervalo, ocorreram obras de manutenção do templo, que não imputaram a alteração significativa de seus arquétipos arquitetônicos. Por vezes, essas mutações aconteceriam a partir da gestão do dominicano Frei Rosário Joffily, que na década de 1950 tornou-se reitor do santuário, depois de longo

período em que o local esteve sem a efetiva presença de religiosos (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 11).



Fonte: Representação gráfica elaborada pelo autor.

FIGURA 6

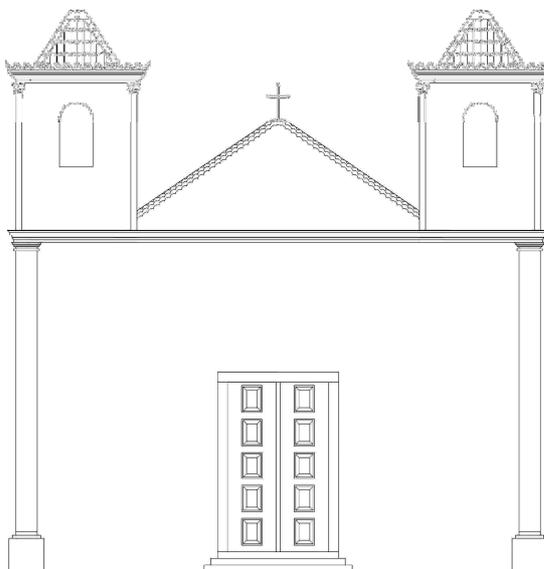
Esboço sobre o aspecto da capela de Nossa Senhora da Piedade depois da retirada dos nichos e do óculo, c.1950

422

Quando se instalou no santuário, Frei Rosário organizou inúmeras etapas de intervenções na edificação da ermida, necessárias para que fossem reparadas as más condições físicas encontradas. É desse período o preenchimento das paredes externas com concreto (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 14); a provável retirada dos nichos laterais (ou vãos), não mais registrados nas fotografias datadas depois dos anos de 1950; e a remodelação da verga da porta de acesso principal, que se tornou retilínea, excluindo-se seu formato arqueado (Figura 7). Outras modificações empreendidas demarcaram variações no espaço interno do templo, que oportunamente serão discutidas.

Nessa mesma época, foram demolidas e reconstruídas as torres instaladas entre 1881-1883, comprometidas por problemas estruturais (TAMBASCO, 2009, p. 17). Em ambas foram inseridas as sineiras e a cúpula triangular de alvenaria foi substituída por telhado (Figura 7), homônimo ao formato encontrado em edificações sacras mineiras erguidas no entorno da Serra da Piedade, em que a capela caeteense da Arquiconfraria de São Francisco, elevada a partir de 1811 (MARTINS,

1974, v. 2, p. 42), pode ter sido a fonte de referência fulcral para embasar o projeto das torres da ermida, cujas afinidades formais verificáveis entre elas justificam esses apontamentos.



Fonte: Representação gráfica elaborada pelo autor.

FIGURA 7

Esboço sobre o aspecto da capela de Nossa Senhora da Piedade na década de 1990, com a porta de verga retilínea e o telhado das torres

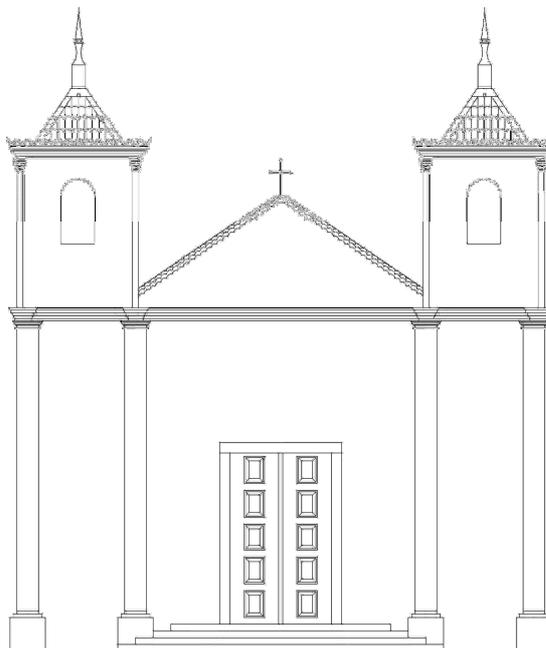
É pertinente observar que as torres reconstruídas na gestão do Frei Rosário eram mais esguias se comparadas àquelas instaladas em fins do século XIX, e o telhado conferiu à composição da fachada aspectos harmônicos, em detrimento da elaboração anterior. Nessa perspectiva, a nova formatação amenizou a desproporção entre os volumes composicionais do templo, cuja frontaria era determinadamente horizontal e, depois de reconstruídas as torres, recebeu entoação vertical que atenuou os desequilíbrios estéticos, produtos de interferências operadas em diversos períodos, que não valoraram a integração dos novos elementos incorporados à edificação.

Além disso, o texto constante no livro do “Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte” elenca a interposição de outras obras na capela da Serra da Piedade, ocorridas por volta dos anos de 1950, que incluíram a instalação de laje pré-fabricada no templo, construção do coro em concreto armado e a feitura de aberturas nos cômodos laterais, até então dedicados ao pouso de

romeiros, que no período indicado foram anexados à nave da ermida, por intermédio de portas que criaram as capelas do Sagrado Coração de Jesus e do Santíssimo Sacramento. É possível que outras passagens conectando esses espaços tenham sido desenvolvidas na década de 1990, considerando-se para esse assentamento a planta divulgada por José Carlos Vargens Tambasco, que ilustra a ausência de alguns vãos à época do traçado de seu desenho, mas que hoje fazem parte do corpo da ermida (TAMBASCO, 2009, p. 16). Nos anos seguintes a esse impulso construtivo, provavelmente após a década de 1980, foram inseridos os falsos pilares na fachada, para estabelecer o senso de ordenação, organizar os tramos externos onde se encontram as torres sineiras e, por essa ótica, definir a estabilidade plástica e estética da frontaria. É importante lembrar que, para essa aplicação, pode ter sido utilizada como modelo a igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Caeté), bem como outros templos que salientam soluções congêneres à empregada na capela da Piedade (Figura 8).

Alusivo ao espaço interno da então capela de Nossa Senhora da Piedade, é incerto precisar como pode ter sido seu arranjo, antes de assimilar todas as transformações anteriormente arroladas, iniciadas no século XIX e continuadas na centúria subsequente, restando como testemunha apenas a planta baixa divulgada por Tambasco, que aproxima respostas para o caso, mas sem, necessariamente, gerar resultados definitivos. Tal entendimento se estende aos elementos artísticos que compuseram o ambiente sacro em estudo, ressaltando a presença do retábulo-mor, atribuído por Edmundo Fontenelle (1970, p. 31) ao Aleijadinho, cuja composição formal, vinculada ao Rococó, indica se tratar de peça inserida no templo em fins dos setecentos.

As memórias e registros dos fatos ocorridos no santuário indicam a execução de atividades de restauro na ermida, deslindadas para se reparar as ações do tempo que causaram danos à edificação. É notável realçar que algumas dessas tarefas foram conduzidas pelo arquiteto Alcides da Rocha Miranda (PUHL, 2010), vinculado ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 14)⁵ que desempenhou pujante protagonismo nas operações de planejamento das novas construções alocadas na Serra da Piedade, em que se notabiliza o projeto de sua autoria para a igreja Nova das Romarias (1974), (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 9) marco da arquitetura religiosa contemporânea brasileira, coordenada por influências brutalistas.



Fonte: Representação gráfica elaborada pelo autor.

FIGURA 8

Esboço referente ao aspecto da capela de Nossa Senhora da Piedade após a década de 1990, incluindo-se os falsos pilares centrais e as grimpas, como atualmente se apresenta

425

No tocante aos atos empreendidos em prol da salvaguarda dos monumentos que integravam a paisagem do santuário, em que esteve ativo Alcides da Rocha Miranda, há uma curiosa carta por ele redigida, explicitando aspectos essenciais das intervenções realizadas na capela de Nossa Senhora da Piedade. Essa carta narra distintas memórias acerca da atuação do então SPHAN no Brasil, convertendo-se em registro de imensurável valor documental para os estudiosos do patrimônio sacro brasileiro. Além disso, foi na referida carta que Miranda proferiu seu ponto de vista sobre a instalação de painéis de azulejo na ermida, no ano de 1996, resultantes do trabalho da artista plástica Maria Helena Andrés e da execução em azulejaria do ceramista e pintor Gianfranco Cavedoni Cerri. (ARQUIDIOCESE..., 2007, p. 13)

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1996. Meu caro Abílio, Grato por me enviar cópias do processo procedente da 13. C.R. Iphan sobre obras na Serra da Piedade. Estou com 87 anos. Formei-me em 32 e tenho me interessado pelo nosso acervo histórico desde os tempos de escola. Comecei a trabalhar para o SPHAN, quando se fazia o inventário de alguns deles já em estado de ruína, cuja reconstrução custou muito

tempo de estudo e poderia considerar como obras raras em todo o mundo. Envio, em anexo, uma xerox representando a primeira obra que testemunhei ao iniciar meus trabalhos no SPHAN. A Serra da Piedade não foi transformada em matéria prima para a indústria siderúrgica devido a um afano do Frei Rosário. Informado por ele do que lá se passava e do interesse excepcional daquela montanha, fui vê-la de perto. Antes de lá chegar atravessou-se por uma floresta cerrada onde havia até onças. Conheci um antigo romeiro que me contou ter encontrado uma onça dentro da ermida. A escalada da Serra tinha se tornado bastante difícil, porque o lado de acesso mais fácil já havia sido escavado para retirada de minério. Durante mais de trinta anos estamos em defesa daquele monumento. Desde muito cedo chegamos a um consenso no SPHAN para que os bens tombados não se transformassem de novo em ruína, após a recuperação, era indispensável que os mesmos fossem utilizados ~~por que diziam~~ com adaptações harmoniosas. No caso da Serra da Piedade apresentou-se um plano capaz de manter vivo ~~aquele~~ com o maior interesse aquele conjunto histórico e paisagístico. Este caso não é comum na história do SPHAN. Sinto um grande apreço pela Serra que tem em Abílio Machado um defensor a sua altura. Sou de parecer que elementos como os azulejos em capelas secundárias de uma artista famosa só vem a enriquecer o conjunto assim como a N. S. da Piedade de Ceschiatt. Durante mais de trinta anos estudei agenciamento da Serra atendendo [ilegível] da valorização da arquitetura e da natureza a melhor maneira de acolher os romeiros de todas as idades: crianças, adultos mal nutridos, velhos, doentes. Envio em anexo, uma reprodução da igreja de São Miguel das Missões, primeiro trabalho que tomei conhecimento no início do SPHAN. A igreja estava prestes a desabar, as fundações estavam cedendo, para salvá-las numeraram-se todas as pedras que foram recoladas após se fazerem novas fundações. Hoje ela funciona como museu. Grato ainda pelas informações sobre auxílio telefônico. Maria Helena e eu enviamos saudações fraternais a você e Aparecida com um afetuoso abraço do velho amigo Alcides (ARQUIVO..., 1996).

São muitos os desdobramentos interpretativos passíveis de serem enunciados, a partir do exame do documento em averiguação. É curioso observar que o parecer de Miranda evoca, de certo modo, reminiscências entrelaçadas à arquitetura e à ornamentação religiosa colonial luso-brasileira, em que a azulejaria se fez presente no interior dos templos revestindo paredes, integrando-se à talha dourada e à pintura para converter o espaço sacro em deslumbrantes ambientes cenográficos.⁶ Embora celebrados no século XVIII e XIX, tais conceitos ornamentais foram retomados no contexto da arquitetura sacra moderna brasileira, como bem ilustram os painéis de Cândido Portinari para a igreja de São Francisco de Assis (1944 -1945), em Belo Horizonte.

A presença de painéis de azulejo na ermida da Serra da Piedade indica uma possível manutenção desses conceitos no âmbito da arquitetura religiosa brasileira, apesar de não ser permissível designar, acertadamente, os motivos que

impulsionaram Frei Rosário, responsável pelo santuário à época, a se interessar por obra dessa tipologia: se foram as memórias das edificações barrocas e modernas que conheceu, o gosto pela arte contemporânea de Maria Helena Andrés ou uma solução identificada para revestir as paredes nuas das capelas idealizadas pelo dito religioso no século XX.

Malgrado a ocorrência não aclarada, é instigante perceber que o projeto pode ter causado debates. Supostamente, pensa-se que pode ter sido esse um planejamento de elevada ousadia, que interferiria em uma edificação entrelaçada a uma história que somava mais de duzentos anos, embora os azulejos pintados estivessem destinados a ocupar cômodos anexados à capela de Nossa Senhora da Piedade, durante o século XX, não constantes no risco setecentista que, certamente, embasou a construção do templo. Assim, Rocha Miranda foi enfático ao declarar, em 1996, seu apoio à proposta: “Sou de parecer que elementos como azulejos em capelas secundárias de uma artista famosa só vem enriquecer o conjunto” (ARQUIVO..., 1996).

Os painéis elaborados por Maria Helena Andrés atestam a interpretação contemporânea de temáticas religiosas, em que contornos sinuosos e feições abstratas ordenam o plano pictórico. Na capela de São José, o santo foi representado segurando bastão, envolto em passagens de origem bíblica que retratam o Pai e o Filho. Por sua vez, para a capela do Santíssimo Sacramento, foi selecionada a imagem do Sagrado Coração de Jesus, envolta por desenho que remete a uma “mandala”, simbolizando a integração do mundo oriental e ocidental, conforme relatou a artista que idealizou a peça. (ANDRÉS, 2017)

Afora as remodelações no espaço interno da ermida de Nossa Senhora da Piedade, que lhe imprimiram os feitos arquitetônicos e artísticos que atualmente a especificam, grimpas e para-raios foram anexados às torres sineiras. Há, no Arquivo Arquidiocesano da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte, interessante desenho, datado de 27 de maio de 1982, (ARQUIDIOCESE..., 2007) com croqui de uma grimpas referenciada em exemplares catalogados nas igrejas encontradas no entorno da cidade de Caeté. O breve texto que acompanha o dito desenho descreve o procedimento para confecção desses itens, que deveriam ser feitos em molde de madeira para depois serem confeccionados em bronze.

Efetivamente, a grimpas fixada na ermida coincide com o projeto idealizado, embasado em construções geométricas que finalizam a composição da fachada do

templo em consonância aos arquétipos pontuados em edificações sacras de Minas Gerais, erguidas entre os séculos XVIII e início do XIX. Esse apontamento é ratificado por meio da informação constante no desenho para o item, em que foi acentuado: “este foi o melhor exemplo que encontramos na região.” (ARQUIDIOCESE..., 2007) Ademais, essa nota pontua prováveis intenções de se inserir na capela da Serra da Piedade, doravante os ciclos de alterações que sofreu, feitos vinculados aos esquemas arquitetônicos demarcadores das antigas igrejas coloniais mineiras. Tal empreitada objetivava que ela se despisse de seu primitivo semblante de pequena capela e estampasse aspectos de monumentalidade, em similitude aos templos encontrados nos arredores da cidade caeteense, como exemplificam as matrizes de Santo Amaro (Brumal) e de Santo Antônio (Santa Bárbara), cuja aparência da fachada da ermida do santuário aparenta estar entrelaçada e que, sem embargo, podem ter inspirado as adulterações pontuadas na atual Basílica da Piedade, encarregadas pela nova roupagem plástica que sua frontaria expressa.



Fonte: Fotografia do autor, 2017.

FIGURA 9

Basílica Ermida de Nossa Senhora da Piedade

Por esses encaminhamentos, compreende-se que a primitiva capela de Nossa Senhora da Piedade, antes de pequeno porte e de partido arquitetônico simplificado, condizente aos espécimes dispersos pelas terras das setecentistas cidades de Ouro

Preto e Mariana, atravessou intenso processo de intervenções em seus mais de 250 anos de existência. Essas transfigurações visavam resguardar a edificação da destruição, causada pelas ações do tempo, bem como intencionaram construir uma distinta configuração arquitetônica que potencializasse renunciar à apresentação de uma modesta capela, tornando-se templo de frontaria avultante na paisagem natural da Serra que a circunda (Figura 9). Os desenhos elaborados para compor este texto, ainda que esquemáticos, elucidam algumas das fases mais importantes pelas quais passou a ermida da Piedade, em um processo de modificações vivenciado nos séculos XIX e XX.

Considerações finais

As análises proferidas tiveram como orientação examinar as principais alterações processadas na edificação da atual basílica de Nossa Senhora da Piedade, erguida a partir do ano de 1767, por iniciativa de Antônio da Silva Bracarena, e continuamente transformada nos séculos XIX e XX, em função de obras de reparo responsáveis por inserir sua hodierna feição. Como devidamente indicado, a viabilidade deste estudo foi assegurada pela existência de registros documentais e fotográficos, que possibilitaram a reconstrução virtual de parte das configurações que assinalaram a fachada e algumas frações do espaço interno da ermida, embora não seja exequível esclarecer, pormenorizadamente, todas as variações arquitetônicas implementadas no templo, devido à existência de hiatos não aclarados por notas históricas e por elementos gráficos que potencializassem uma mais completa delimitação do assunto investigado.

Por esses encaminhamentos, foram também executados esboços gráficos, seguidos de descrições textuais, essenciais para se compreender como poderia ter sido o projeto inicial, supostamente elaborado por Antônio da Silva Bracarena e posteriormente alterado. O decurso desse processo de modificação entremeou a incorporação de novos materiais à estrutura, a ampliação da fachada e do ambiente interno acrescido das capelas laterais, a instalação de torres sineiras e a eliminação dos vãos frontais junto à porta principal, bem como a renovação de outras minúcias. Todas essas modificações apartaram o conceito de uma pequena e módica capela, impregnando-a de semblante tradicionalmente aplicado às antigas

igrejas matrizes setecentistas mineiras, muitas dessas pontuadas nas cidades e distritos vizinhos a Caeté, que podem ter sido referência para a remodelação da ermida, reelaborada à luz dos séculos XIX, XX e de influências artísticas contemporâneas que, inclusive, potencializaram a inclusão de painéis de azulejos nas paredes dos ambientes laterais, anexados ao conjunto arquitetônico.

Os resultados provenientes dessa investigação, mesmo permeados por indagações não solucionadas, reforçam a necessidade de se buscar compreender as construções sacras mineiras setecentistas e oitocentistas, por meio de estudos e reconstruções gráficas que possibilitem elucidar como podem ter sido as feições espaciais e plásticas desses templos quando erguidos. Considera-se a reconstrução e as remodelação dessas edificações procedimentos frequentes, após o primeiro impulso construtivo de sua elevação, em função de modernizações vinculadas às linguagens arquitetônicas vigentes, gerando a indispensabilidade de se reproduzir as novidades dos repertórios formal e estético que despontavam, bem como movidos por demandas vinculadas à imposição de se assegurar a sobrevivência dessas construções, já que, em alguns casos, elas se encontravam afetadas por processos de degradação e até mesmo ruína. Seguramente foram esses alguns dos fatores preponderantes que dezenas de igrejas e de capelas mineiras, provindas de tempos coloniais, sofressem alterações não condizentes com os projetos iniciais, sendo a antiga capela de Nossa Senhora da Piedade exemplo ilustrador dos postulados anunciados.

Por último, reforça-se que, lamentavelmente, várias omissões ainda repousam sobre a narrativa histórica do processo de edificação da ermida da Serra da Piedade, compelindo o pesquisador a emitir conjecturas como tentativa de se elucidar as dúvidas que surgem, sem, no entanto, encerrar as ideias propostas em agrupamento irrevogável de direções a respeito de todo esse transcurso. Nessa perspectiva, ressalta-se que este artigo não tem como pretensão interpor ilações concludentes sobre o conteúdo, posto ser imperativo o desenvolvimento de exames que visem compreender o convento contíguo à capela, produzir maquetes virtuais tridimensionais construídas com instrução nas suposições emanadas e empreender novas buscas em arquivos históricos. Dessa maneira, seria praticável iluminar as falhas que o autor deste texto não soube deslindar, principalmente por se tratar de demanda que exige o esforço de uma equipe multidisciplinar, capaz de abarcar os diversos itens que cingem a investigação de fenômenos paralelos, exigindo o

empenho de engenheiros, arquitetos, historiadores, entre outros profissionais que possam se dedicar a interpretar o caso em toda a sua completude.

NOTAS

1. Os documentos referentes à ereção do templo primitivo da Serra da Piedade acusam a construção da capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade e Santa Bárbara. Aos 15 dias do mês de setembro de 2018, foi consagrado o altar e a edificação reconhecida como Basílica Ermida da Padroeira de Minas Gerais. Assim, neste artigo serão utilizadas as terminologias capela, ermida e basílica para se referir à edificação religiosa construída no topo da Serra da Piedade. Ver: QUEIROGA, 1946, v. 2, p.196-197.
2. Cabe frisar que o esboço divulgado compreende as alterações realizadas na capela de Nossa Senhora da Piedade desde o século XIX, continuadas na centúria seguinte. Além disso, o desenho elaborado por Tambasco foi descrito por intermédio de textos e de orientações que relativizam como foi o projeto basilar da ermida. Ver: TAMBASCO, 2009, p. 16.
3. Esse apontamento é também amparado no conhecimento de que arquétipos congêneres serviram para delinear capelas mineiras coetâneas à do santuário da Piedade, em que a referenciada capela de São Gonçalo do Amarante é exemplo.
4. É sabido que a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, descendente e proveniente da família franciscana, estabeleceu-se no Brasil no correr das décadas finais do século XIX para, entre outras tarefas, prestar assistência à Igreja.
5. O SPHAN foi criado no dia 13 de janeiro de 1937, com o objetivo de proteger o patrimônio histórico e artístico nacional. Na década de 1970 a Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi transformada, pelo decreto número 66.967/1970, em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
6. Sabe-se que, em Minas Gerais, a azulejaria foi utilizada, apenas, na igreja ouro-pretana de Nossa Senhora do Carmo.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte. Santuário Nossa Senhora da Piedade, Serra da Piedade, Caeté, Minas Gerais. Inventário número 63. Belo Horizonte, 2007.

ARQUIVO ARQUIDIOCESANO DA CÚRIA METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE. Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade – Administração do Santuário – Correspondência 1996.

ANDRÉS, Maria Helena. Blog “Minha vida de artista”, 29 de maio de 2010, online. Apresenta trabalhos da artista plástica Maria Helena Andrés. Disponível em: <http://mariahelenaandres.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html>. Acesso em: 30 mar. 2017.

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). *As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. v 2.

FONTENELLE, Edmundo Bezerril. *O Aleijadinho na Serra da Piedade*. Belo Horizonte, 1970.

MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. n. 27, 2 v.

MENEZES, Ivo Porto de. *Ermida da Senhora da Piedade: retábulo e imagem*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2017.

MOTA, Carlos Carmelo de Vasconcellos. Testamento do fundador da Capela de Nossa Senhora da Piedade. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, IHGMG, v. 7, p. 363-373, 1960.

O PIONEIRO DA SERRA DA PIEDADE: documentação para uma biografia de Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.

PUHL, Liege Sieben. *Alcides da Rocha Miranda: projetos e obras (1934-1997)*. Porto Alegre, 2010. 219 f. (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

QUEIROGA, Elmar G. A erecção da Capela da Serra da Piedade. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 2, p. 196-197, 1946.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1941.

SERRA DA PIEDADE: Comemorando o glorioso cincoentenário da fundação da Congregação das Irmãs Auxiliares da Piedade 1942-1942. Belo Horizonte: Folhas de Minas para Livraria Cor., [1942?].

TAMBASCO, José Carlos Vargens. História do Santuário de Nossa Senhora da Piedade. *Jornal Opinião*, Caeté, 15 ago. 2009. Encarte especial.

TRINDADE, Raymundo Octavio da. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

WITTKOWER, Rudolf. *Arte y arquitectura em Italia 1600-1750*. 13. ed. Madri: Cátedra, 2010.

Aziz José de Oliveira Pedrosa é Professor do Curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Doutor e Mestre em Arquitetura e Especialista em História e Cultura da Arte; todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Desenho Industrial pela UEMG. Pós-Doutorando em História da Arte / Arquitetura pela UFMG.

Como citar:

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. A Basílica Ermida de Nossa Senhora da Piedade: memórias de um processo de reconfiguração arquitetônica. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 408-432, jan./jun. 2019. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>.